

«Um livro inspirador sobre a maravilhosa complexidade da natureza.»

Library Journal



GRANDES LIÇÕES DA NATUREZA

O que a natureza nos ensina
sobre viver bem no mundo

GARY FERGUSON

Cofundador do projeto Full Ecology

v o g a i s

*Para a minha querida Mary,
que me mostra todos os dias o que é procurar — e encontrar —
a brilhante e fiável bondade em todos nós.*



ÍNDICE



PREFÁCIO	
Regresso a casa	11
LIÇÃO UM	
Mistério	25
LIÇÃO DOIS	
A vida na Terra floresce graças a um vasto jardim de ligações	51
LIÇÃO TRÊS	
Quanto mais vida há na floresta, mais forte se torna a vida	89
LIÇÃO QUATRO	
Curarmo-nos a nós e ao planeta significa recuperar o feminino	117
LIÇÃO CINCO	
Os nossos primos animais fazem-nos felizes — e mais espertos	137
LIÇÃO SEIS	
Vivemos num planeta com energia incalculável. No entanto, a vida não desperdiça uma única gota	175
LIÇÃO SETE	
Depois do desastre e da rutura	199
LIÇÃO OITO	
Crescimento ancestral	219
POSFÁCIO	
A beleza da natureza encerra em si todas as lições	239
AGRADECIMENTOS	253

PREFÁCIO

REGRESSO A CASA

Tempos houve, há muito perdidos, em que o complacente alcance das árvores e o sussurro das águas ofereciam um profundo conforto. Em que o canto dos pássaros e o coaxar das rãs nos recordavam de que devíamos ter ânimo, pois, independentemente do que estivesse a acontecer, ainda estávamos aqui, erguendo-nos fortes pela manhã, de rostos voltados para o Sol. Conheçíamos, então, a energia da primavera, emanando da rosa selvagem e da figueira, e também de nós — conseguíamos senti-la, como se estivéssemos de algum modo ligados aos tenros rebentos, como se a nossa própria respiração fosse o grande sopro verde da Terra. Tempos em que uma pessoa mal sabia onde ela terminava e o mundo começava. Os gritos, as canções, os ronrons e os zumbidos — era tudo uma conversa impressionante.

Do nosso ponto de vista atual, pode parecer um sonho. Mas, ocasionalmente, do nada, a emoção daquela velha dança trepida nos nossos ossos. Volta a despertar sensações que se encontravam facilmente ao nosso alcance quando éramos jovens, quando ainda nos maravilhávamos com o mundo.

Os meus próprios pressentimentos em relação a tais coisas tiveram origem numa infância passada no Midwest, numa pequena cidade no norte do estado do Indiana, alimentada a milho, estufados e aço. Um lugar onde a natureza era servida em

pequenas doses: um jardim por trás da nossa casa com a dimensão de dois sofás de ponta a ponta, onde pela primeira vez me ergui descalço, a observar as idas e vindas de borboletas e abelhas. Uma pequena faixa de relva onde, no crepúsculo do verão, eu corria de um lado para o outro com um frasco de compota, a apanhar pirlampos. E os passeios da Twenty-Seventh Street — a regressar a casa da escola numa tarde sombria de abril, com o vento a agitar os áceres, empolgado com os grandes estrondos dos trovões que ribombavam no interior do meu peito.

Por volta dos 11 anos, comecei a pedalar na minha *Stingray* roxa uns dez quarteirões para oeste de Potawatomi Park, um local onde se misturavam filas de carvalhos e áceres com troncos tão grandes que os meus braços não os conseguiam envolver sequer até meio. E ali perto, uma estufa com uma bananeira e orquídeas e um abacateiro. E, ao seu lado, um pequeno jardim zoológico com um leão geriátrico, seis pavões cantantes, uma exposição de baratas (a sério) e um burro resfolegante.

Dado que, na idade adulta, passei perto de 40 anos a atravessar descontraidamente algumas das zonas mais selvagens do mundo, a percorrer sem destino mais de 48 mil quilómetros de trilhos remotos, poderá imaginar que eu veria estes modestos encontros com a natureza da minha juventude como, bem, pitorescos. Mas não. Foram grandes: tão essenciais, à sua maneira, como as vastas savanas da África Oriental, ou as altas e solitárias extensões do interior de Yellowstone, ou os confins frios e calmos da tundra ártica.

Os pirlampos e as abelhas e os carvalhos gigantes de Potawatomi Park foram os responsáveis por me abrirem os horizontes, por me apresentarem ao fluxo e refluxo do mundo, à *playlist* diária de chilreios e zumbidos, roncos e assobios. E não se limitaram a despertar a minha curiosidade, mas deixaram-me também com a sensação extraordinária de fazer parte de tudo

aquilo. Os crisântemos na floreira por baixo da janela do meu quarto estavam, de algum modo, sintonizados com a minha luminosa sensação de verão. O cardeal no nosso ácer vestia um deslumbrante fato de penas que era do meu tom de vermelho. A rola-carpideira no ácer ao lado do acesso da casa do Carl e da Yvonne Wilson arrulhava uma canção que, até quando se ouvia pela primeira vez, era, de algum modo, familiar, reconfortante.

Independentemente de quem seja, ou de onde quer que tenha passado a sua infância, o mais provável é que também tenha dado os seus primeiros passos para crescer e para se tornar independente por a natureza o ter atraído para a preciosa tarefa de desabrochamento. Quer o faça em grandes doses de mundo selvagem ou sob a forma de uma teia de aranha no canto da sua garagem ou mesmo de dentes-de-leão que crescem nas fissuras do passeio, a natureza chama por todos nós.

E eis o mais importante: independentemente do que tenha sido levado a pensar, essa magia não desaparece simplesmente, desvanecendo-se calmamente até ficar para sempre fora do seu alcance. Afinal de contas, à medida que avançamos através das várias etapas da vida, continuamos a *acrescentar* ao que vivemos antes, em vez de fazer substituições. Onde quer que esteja atualmente, por muito que a sua vida seja citadina ou rural, a natureza continua presente para si — alicerçando, inspirando, ajudando-o a tornar-se mais aquilo que se propôs ser. Ao mesmo tempo, o mundo natural continua a ser uma fonte acessível de lições fundamentais, que nos ajudam a compreender melhor aquilo de que a vida necessita verdadeiramente para poder prosperar.

Muito do que se segue é uma atualização quanto ao que a ciência está a descobrir, todos os dias, sobre como a natureza funciona verdadeiramente — e também sobre como nós funcionamos —, usando essas descobertas para nos ajudar a

compreender mais plenamente o que significa estar vivo neste mundo. Mas estas páginas são também uma tentativa de nos aproximarmos das fortes emoções que a natureza tantas vezes provoca em nós — confiando nelas para nos guiarem para as partes mais profundas e satisfatórias do nosso ser.



No final dos anos 1990, tive a sorte de conhecer um homem do Utah, calmo, gracioso e extremamente curioso, de 65 anos, chamado Lavoy Tolbert. Lavoy tinha sido professor de Ciências — incrivelmente popular entre os seus alunos, muitos dos quais ainda hoje estão em contacto com ele. Passou toda a sua vida a percorrer a natureza selvagem do Sudoeste americano. Mesmo atualmente, aos 85 anos, continua plenamente ligado à terra por baixo dos seus pés, passando quase tantas noites a dormir num saco-cama sob as estrelas como no colchão do seu quarto. Durante o tempo que passámos juntos, ouvi-o falar muitas vezes sobre como, durante milhares de anos, as pessoas se voltaram para a natureza para compreender coisas, para adaptarem a maneira com entendiam o mundo e, a partir daí, para refinar o modo como viviam. O mesmo acontece com Lavoy. Ele diz que é um caso de referências.

«Pense nisso. A natureza tem 4,6 mil milhões de anos de sucesso — o suprássumo de tudo; o melhor que o mundo conseguiu encontrar, a toda a sua volta, de dia e de noite. Saia para dar um passeio no bosque e caminhará entre campeões!»

É mais ou menos como a história de um certo agricultor, diz-me Lavoy. Todas as semanas, mês após mês, ano após ano, o agricultor leva o seu velho cavalo de trabalho ao hipódromo, para correr contra puros-sangues. Certo dia, um amigo aborda-o e pergunta-lhe por que razão continua a pagar as taxas

de inscrição para participar em corridas que sabe que jamais irá vencer.

«Tem razão no que diz», responde o agricultor, esfregando o queixo. «Este cavalo velho não tem qualquer hipótese. Mas, por outro lado, gosta mesmo da companhia.»

Nas páginas que se seguem, também se encontrará em muitíssimo boa companhia: fragmentos de natureza, grandes e pequenos — no quintal, no parque, em locais selvagens, mas, por vezes, convivendo também com a vasta teia da natureza dentro de *si*, um ser que, na verdade, é mais um exemplo magnífico do poder e da graciosidade das forças criativas da Terra.

Em grande medida, este é um livro sobre regressar a casa. Não apenas ao lugar onde cresceu: não apenas à vivenda suburbana de relvados aparados e banheiras para pássaros em betão; não apenas de volta ao apartamento num prédio de tijolo à vista ou à pequena vivenda branca, de linhas direitas, numa rua ladeada de árvores no coração da cidade. Não apenas de volta à velha quinta com o celeiro e o trator verde e as vacas de grandes olhos. Não, esta casa, maior e mais profunda, está relacionada com a forte sensação de pertença que advém de recuperar a sua camaradagem natural com o prodígio do planeta. E depois aprender a usar essa camaradagem como guia para a sua vida.

Nos dias em que estamos demasiado ocupados — e atualmente parece que há muitos —, podemos sentir grandes dificuldades em encontrar tempo sequer para parar e virar o rosto para o céu. Ou reparar no cheiro da chuva. Ou saborear por alguns segundos o som dos gansos sobre as nossas cabeças, incitando-se uns aos outros a voar para os territórios de inverno. Mas eis algo em que pensar: o grau em que perdemos verdadeiramente a ligação com a sabedoria da natureza poderá não depender apenas de andarmos distraídos. Poderá estar relacionado com *a maneira como fomos ensinados a pensar*. Somos como todas as

pessoas ao longo da História, na medida em que a fatia de leão das nossas crenças sobre como o mundo funciona é apressadamente criada a partir de perspectivas culturais e costumes sociais, incluindo perspectivas científicas, transmitidas de geração em geração. No que diz respeito à natureza da natureza e à nossa relação com o mundo que nos rodeia, aceitámos imensos factos com um simples «é assim que as coisas são». E, na verdade, não são nada assim.

Por exemplo, uma das principais correntes — uma espécie de maré, na verdade — que a nós se agarra há cerca de dois mil anos é a ideia de que, enquanto seres humanos, nos mantemos fora da natureza. Acima dela. A partir desse lugar é demasiado fácil mostrarmo-nos passivos, desligados, até entediados com a Terra.

Por outro lado, talvez nos tenhamos agregado àquele grupo de gente determinada que há muito se decidiu a dominar um conjunto fixo de leis imutáveis do universo físico, com o objetivo de assumir o controlo daquilo que pode ser uma vida exasperadamente imprevisível num planeta exasperadamente imprevisível. E claro que, em grande medida, *conquistámos* um certo grau de controlo. A nossa inteligência deu-nos toneladas de coisas úteis — dos lasers à medicina, passando por automóveis velozes, telemóveis, filmes, calças de ganga e foguetões até Marte. No entanto, pelo caminho, fracionámos a vida e colocámo-la de quarentena — incluindo a nossa —, decompondo-a em pedaços cada vez mais pequenos por pensarmos que, no final, isso produzirá certezas.

Estas visões do mundo não são realidades derradeiras, mas sim correntes singulares de perceção. O que significa que podem ser acrescentadas. Aumentar as nossas ligações à natureza permitir-nos-á ultrapassar o mero intelecto de modo a agarrarmos experiências sensoriais, emoções, intuição. Claro que podemos continuar a interpretar, a desconstruir, a fazer previsões.

Mas tudo isso se torna mais adequado quando celebramos quão misteriosa é a vida, o quanto fica para além da nossa capacidade para a compreender. Curiosamente, ainda que pensemos muitas vezes na ciência como algo dedicado à obtenção de respostas, a ciência atual dedica-se, na sua essência, a viver com perguntas. Pela primeira vez, um grande corpo de investigação esclarece o facto de o nosso mundo se erguer de um conjunto de ritmos e relações extensas e altamente dinâmicas. Está a tornar-se cada vez mais claro que, no sentido mais verdadeiro, não existe uma árvore, um cão, um girassol, um ser humano. Pelo menos não no sentido em que há muito pensamos neles, enquanto seres autónomos. Moldamos o amplo leque de formas de vida e processos com os quais partilhamos este planeta, e somos minuciosamente formados por eles.

Um aspeto especialmente intrigante desta mudança científica — deste esforço para retirar a ciência das caixas intelectuais que para ela construímos — é o esforço realizado por alguns para unir a ciência tradicional à sabedoria indígena. Shawn Sigstedt, etnobotânico de Harvard, por exemplo, foi, nos anos 1990, um dos cada vez mais numerosos investigadores não nativos a trabalhar ao lado de cientistas nativos, incluindo o conhecido membro da tribo hopi Frank Dukepoo, professor de Genética na Universidade do Norte do Arizona.

Sigstedt afirmou que a colaboração expandiu a sua perspectiva de um modo que o ajudou a ver o mundo através das lentes da ligação.

«A cultura tradicional ajudou-nos a ter consciência dos nossos ângulos mortos», disse Sigstedt. «A compreensão nativa do mundo — enquanto espaço de processo e de relação — é completamente diferente da nossa.» Consequentemente, Sigstedt começou a conceber a investigação em torno de questões muito diferentes.

E, ao alterar aquilo que perguntamos, mudamos o mundo.

Como destaca o cientista de sistemas do MIT e autor Peter Senge, um efeito-chave de termos perdido a ligação com a totalidade da natureza é termos perdido a capacidade para compreender a *interdependência*. A maioria de nós simplesmente não a vê.

Abraçar a interdependência permite-nos ir além do conhecimento do que faz algo funcionar acedendo ao modo como algo consegue continuar a funcionar. E isso, como a ciência nos mostra hoje, resume-se sempre às ligações: dos fungos na floresta que nitrificam o solo às árvores que brotam e crescem a partir desse azoto, até ao oxigénio que essas árvores depois emanam, que permite que respiremos.



Há alguns anos, enquanto lecionava uma aula de escrita sobre a natureza no Parque Nacional de Yellowstone, tive o enorme prazer de ter como aluna a irmã Helen Prejean. Na altura em que nos conhecemos, a irmã Helen já tinha conquistado o reconhecimento pelo seu trabalho a ajudar os profundamente perturbados e incapacitados, incluindo a sua correspondência com dois homicidas condenados, Elmo Sonnier e Robert Willie. Essas conversas acabaram por ser a génese do seu incrível livro *A Última Caminhada*, que originaria o filme com o mesmo título.

No nosso último dia juntos, o grupo estava a fazer uma caminhada ao longo de Specimen Ridge Trail em direção a Amethyst Mountain, e a paisagem à nossa frente estava inundada de vistas gloriosas das pradarias ao estilo do Serengeti de Lamar Valley, em Yellowstone. Aglomerados de bisontes percorriam o vale. Pequenos grupos de antilocabras descansavam ao longo dos limites dos bosques de faias, enquanto sobre as suas cabeças búteos-de-cauda-vermelha dançavam ao sabor do vento. A determinada

altura, fazendo uma pausa para apreciar a vista, a irmã Helen referiu o conceito religioso da Anunciação. Eu só ouvira a palavra usada em termos doutrinários, como na celebração cristã do momento em que o arcanjo Gabriel revela a Maria que esta está destinada a dar à luz o Filho de Deus. Mas a irmã Prejean tinha uma abordagem muito mais ampla. Dizia que, para ela, a Anunciação era o ato de fazer algo de novo, de trazer um ideal mais plenamente à vida, tornando-o real no nosso mundo quotidiano.

Na sua interpretação da Anunciação reside uma bela oportunidade para respeitar o planeta, de acordo com a definição de respeito da Grécia antiga — a de «olhar de novo». De facto, chegou plenamente o momento para se olhar de novo — e, ao fazê-lo, voltar a juntar todas as peças do mundo.



Certa vez deparei-me com uma história do início dos anos 1920 sobre um jovem antropólogo enviado pela Universidade de Harvard para oeste, para a Califórnia, para começar a reunir as crónicas das vidas dos índios do rio Pit — uma cultura que pairava à beira da extinção. Ao longo de meses, registou a sua língua, aprendeu as histórias que estavam dispostos a partilhar e tomou notas pormenorizadas sobre muitos dos seus costumes sociais. A determinada altura, sentado na artemísia no limite da aldeia com um grupo de anciãos tribais, questionou-os relativamente à palavra que usavam para designar os recém-chegados ao território — pessoas como a sua própria família e colegas, descendentes de anglicanos da Europa e de Inglaterra.

Mais tarde recordou como os líderes tribais se entreolharam, abanaram a cabeça e se recusaram a responder. Por fim, após muita persuasão, um dos anciãos respirou fundo e começou a falar:

«A nossa palavra para o teu povo é *inalladui*», disse o ancião. «*Inalladui*.»

É fácil imaginar o jovem antropólogo a repetir a palavra, saboreando o seu som líquido.

«Mas que expressão encantadora», poderá ter avançado. O que teria, seguramente, levado os anciãos a revirar os olhos.

«Significa vagabundos», prosseguiu o ancião. «Alguém que não está em casa no mundo. O teu povo desloca-se pela terra com tanta pressa. Não tem interesse em estabelecer ligações com os animais ou com as plantas nem com as pessoas que ali vivem. É algo que não conseguimos compreender. Pensamos que uma parte de vocês deve estar morta por dentro.»

De certo modo, os índios do rio Pit tinham razão: durante muito tempo, uma parte de nós esteve morta por dentro. Ou, pelo menos, morta para muitas das energias essenciais que mantêm a nossa saúde mental e física. Como Jane Goodall observou: «Parece que perdemos a ligação entre os nossos cérebros inteligentes e os nossos corações.» A tarefa não é procurar algo novo. Afinal de contas, de onde viria esse algo absolutamente novo? Ao invés, é tempo de despertar os tecidos da percepção que ali têm estado presentes desde sempre.

Nós *somos* natureza.

Quando nos erguermos com firmeza nesse facto inegável, desapegando-nos da ilusão prolongada de que existe a natureza «lá fora» e nós «aqui», seremos capazes de ver com um olhar renovado alguns dos nossos problemas mais perturbadores e persistentes. E, em simultâneo, o que é igualmente importante, encontraremos a segurança de que, a um nível mais profundo, temos absolutamente tudo aquilo de que necessitamos.

É verdadeiramente possível corrigir a nossa relação com o mundo à nossa volta e, assim, libertar uma inteligência em formação há milhões de anos. A viagem começa com oito lições

— cada uma delas é uma janela para ver tanto para fora como para dentro em simultâneo, perspectivas que possibilitam uma realidade muito diferente daquela com que nos contentámos durante tantos anos.

Um manifesto poderoso sobre a interdependência de tudo o que existe na natureza e sobre como poderemos viver uma vida mais gratificante se nos reconectarmos com o mundo natural.

Durante demasiado tempo, vivemos separados da natureza, vendo-nos como superiores, distantes, independentes. Porém, ao fazê-lo, perdemos de vista tudo o que o mundo natural nos pode ensinar.

Neste livro, Gary Ferguson revela-nos as surpreendentes complexidades que podemos encontrar na natureza, bem como a sabedoria que advém do mundo natural, da sua diversidade, dos seus mistérios e da sua capacidade de resiliência perante a mudança.

Baseando-se em áreas que vão desde a ciência e a psicologia à filosofia e à história, Gary Ferguson desvenda a deslumbrante teia de conexões que temos com a natureza, enfatizando a necessidade de voltarmos a estabelecer uma ligação com o mundo natural para potenciarmos o nosso bem-estar físico, mental e espiritual e redescobriremos a nossa humanidade. Porque, afinal, nós somos natureza.




«Um livro que nos faz refletir e nos ensina a viver em harmonia e equilíbrio com o mundo em nosso redor.»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Divulgação Científica

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895649037



9 789895 649037 >